

JOSÉ NÊUMANNE

## As sandálias do senador

O sono e o despertar dos reis, assim como seus (pouco habituais, aliás) hábitos de higiene, já foram assuntos de interesse público. A palavra aqui é usada mais como antônimo de privado do que como sinônimo de popular, do povo. Pois, de fato, apenas alguns privilegiados tinham acesso à alcova real no Ancien Régime. Mas, de qualquer maneira, a intimidade do soberano era completamente devassada pela corte, a escolha de sua esposa obedecia aos interesses do Estado e sua atividade sexual e sua capacidade reprodutora eram debatidas como problemas políticos.

Brasília não é Versalhes nem havia possibilidade de desenhar tão belos jardins naquele cerrado seco. Mas nenhum espectador sensato da exposição *O Senado e os Senadores*, no salão nobre da chamada Câmara Alta, tem como escapar da comparação que é forçado a fazer entre o que vê e as manias cortesãs que imperavam na França, antes de ser decepada a cabeça descoroada de Luís XVI. Os pães de queijo de Júnia Marise (PDT-MG) não lembram os brioches que o povo não comia, à falta de pão, no famoso palpite infeliz da fútil Maria Antonieta?

Não é possível definir como



**Elas mostram a confusão que os políticos, no Brasil, fazem entre o pessoal e o institucional**

“feira de vaidades” uma mostra em que o líder do PFL, Hugo Napoleão, nascido nos Estados Unidos e votado no Piauí, resolveu expor a estampa da aurora de sua vida, que os anos não trazem mais?

E o que dizer da senadora Emília Fernandes (PDT-RS) — com porte de miss, pinta de miss e pensando ser miss, sem ser — apelando para um retrato a crayon no qual nem o mais fanático de seus admiradores a reconheceria?

Não faltarão, também, exemplos de piedade sem humildade, como o de Júlio Campos (PFL-MT), que expôs o papa à curiosidade pública, ou de apego ao folclore, como o dado pelo chapéu de bumba-meu-boi de Epitácio Cafeteira (PPB-MA).

O melhor signo para a patu-

cada senatorial, no entanto, são mesmo as sandálias que Gilvan Borges (PMDB-AP) diz ter usado para conquistar os votos a que deve o mandato. O símbolo de sua campanha passa a simbolizar agora, depois da mostra, a imagem autocomplacente que os senadores (deputados e políticos profissionais em geral) têm de si mesmos no Brasil. Eles acham que são reis — a diferença é que não querem ver exposta sua verdadeira intimidade. Não aceitam, por exemplo, ser flagrados trocando de partido como trocam de camisa. Nem querem que sejam reproduzidas suas conversas na sauna com o ministro Serjão Motta. Na exposição da falsa intimidade, pela qual ninguém se interessa, tentam esconder a verdadeira, pela qual todos se deveriam interessar.

Reproduzida pelos jornais, a fotografia do senador exibindo as próprias sandálias mostra, explicitamente, o exato oposto do que o signo bíblico pretende resumir. As sandálias do pesca-

dor, desde as pescarias da Galiléia, têm sido usadas como a melhor metáfora da humildade. As sandálias do senador, porém, representam exatamente o contrário, ou seja, a empáfia de uma gente que se considera imune a tudo e, sobretudo, impune. Mais até do que isso, o calçado ganha uma conotação pornográfica, ao mostrar, em toda a sua plenitude, a confusão que os políticos profissionais no Brasil fazem entre o pessoal e o institucional.

Por mais iluminado que se pretenda, nosso século está cheio de histórias vis e violentas de culto à personalidade. Josef Goebbels escravizou um povo civilizado à palavra do lunático Adolf Hitler. Josef Stalin usou a múmia de Lenin para submeter metade do mundo à sua vontade fanática. Mao Tsé-tung tentou soterrar a sabedoria de Confúcio sob as banhas de suas bochechas. Esses senhores, cada um a seu modo e recorrendo a métodos condenáveis, foram capazes de grandes feitos, que alteraram os rumos para onde caminhava a humanidade. Nesse caso, o culto à personalidade padecia de distorções éticas, mas se fundava num mínimo de lógica.

No salão dito nobre da Câmara chamada Alta, as sandálias do senador pisam o solo e chutam a poeira do nível de uma democracia que, infelizmente para nós, não pode ser medido sequer pelas depressões abissais do fundo dos oceanos.

